

AÇÕES FLUIDAS NA CARTOGRAFIA: A EXPERIENCIA NA ARTE EDUCAÇÃO

OLIDES LUAN TAVARES BOLZON¹; ISABELLA WHITAKER²; DANIELA SCHNEIDER³

¹Centro de Artes UFPel – elbode@live.com 1

² Centro de Artes UFPel – isawhitakerart@gmail.com 2

³Faculdade de Educação - UFPEL – danic.schneider@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se a reflexão acerca de uma ação realizada no evento Arte {Entre Livros}, promovido pela editora da UFPel no dia 23 de abril de 2015. A ação em questão foi uma proposição educativa e artística, que assume o acaso e as relações como parte do processo educativo e criativo, permeado da possibilidade de *Experiência* (LARROSA, 2009), através de um espaço informal de educação em um ambiente imersivo sensorial. A ação, então denominada Oficina de Fluídos, diz de uma educação que possibilita um saber de experiência, atrelado às relações que se dão nesse espaço a partir do acaso e da descontinuidade, enquanto possibilidade de ensino e aprendizagem.

Este trabalho trata de uma reflexão acerca da percepção e apropriação dos acontecimentos da ordem do acaso, muitas vezes ignorados, ou censurados em favor da rotina e da docilização dos corpos (FOUCAULT, 1999) nos espaços formais de educação, a partir da discussão decorrente de uma série de oficinas anteriormente realizadas. As proposições artísticas educativas com os fluídos têm como objetivo desenvolver a capacidade de observação, colaborando assim na percepção de elementos ínfimos, sutis, na contramão a todo excesso e todas turbulências do mundo atual, com a desaceleração da proposta imersiva, o sujeito tem oportunidades de percepção de delicadezas e descontinuidades, na produção de registros realizados na fluidez da água como matriz.

Com este estudo, pretende-se ainda registrar e demonstrar de maneira cartográfica a relevância dos desdobramentos destes processos para a arte/educação. Cabe ressaltar que a experiência aqui abordada faz parte de uma pesquisa mais abrangente, que vem desdobrando-se em diversas oficinas que têm tido como objetivo a pesquisa da experimentação, tomando o acaso, o acontecimento e a efemeridade como vetores articuladores de reflexões acerca da produção e da experimentação com arte.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado relata uma das experiências que vem sendo desenvolvidas a partir das oficinas de fluídos. Estas oficinas vêm sendo trabalhadas em diferentes ambientes formativos - formais e não formais. As ações desenvolvidas buscam possibilitar uma experiência com a casualidade, a efemeridade, dando destaque para a processualidade.

A cartografia inspira a pesquisa, no que tange a metodologia e no posicionamento acerca das suas possibilidades de experimentação. Insere-se no contexto de abordagens metodológicas que não essencializam a realidade: “a cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente” (KASTRUP;PASSOS, 2013,

p.264). Bedin sintetiza a proposição do método cartográfico, na seguinte passagem:

[...] pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formados e criadores de realidade. [...] No lugar de *o que é isto que vejo?* (pergunta que remete ao mundo das essências), um *como eu estou compondo com isto que vejo?* Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa. (BEDIN, 2014, p.70)

O método cartográfico inspira um outro modo de conceber não só a pesquisa em si, mas uma atitude perante a educação e a própria experiência com a arte no âmbito formativo, que distancia-se dos modelos formativos tradicionais de verificação. Em vez de reproduzir e verificar, pede pela potência de criação e experimentação da realidade, valorizando mais um saber de experiência, do que um conhecimento reprodutivista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho parte do registro cartográfico de uma série de oficinas nas quais propõe-se uma ação imersiva na visualização de fluídos: um recipiente transparente comporta uma quantidade de água, *como um abismo que nos olha de volta* (Nietzsche, 1886), fazendo surgir uma página em branco, que logo é tomada pelos primeiros indícios de uma cartografia, o acontecimento como é para cada um, e o que acontece para quem espera, sem saber o quê. Em seguida, deixamos cair ali uma gota de pigmento violeta. Este momento específico cria territórios ao passo que a gota se difunde, vagarosamente estendendo seus tentáculos dentro do recipiente (curvas descritas nos estudos de hidrodinâmica, cujas propriedades e variantes têm importância apenas em um segundo plano desta cartografia), percorrendo imprevisíveis caminhos e diluindo-se no todo.

Esse movimento se expande para fora do recipiente, construindo um ambiente sensorial através das relações e experiências que são da ordem deste acaso, da gota caindo na água e projetada no ambiente, através de um retroprojetor. O ambiente líquido do recipiente se extende opticamente à própria sala, fazendo com que quem observa, de qualquer ponto de vista, seja ponto referencial desta cartografia, interferindo em seus traços ao passo que é interferido. A cada instante, essas relações se transformam juntamente com a gota e, a superfície da água que uma vez esteve aparentemente calma, agora revela-se em movimento junto ao pigmento, em interrelações de forças e resultantes, que sujeitam todos os participantes. Uma ação imersiva, em que a experiência não está fora do sujeito, não está entre o objeto e o sujeito, mas sujeito tomado de experiência.

Então após a observação e interação com os fluidos, propõe-se enquanto registro a impressão utilizando uma folha em branco que ao entrar em contato com a água consegue absorver o pigmento, tal qual a forma da gota. Este processo, que se aproxima e divide similaridades com o processo fotográfico e da própria gravura, a impressão desse instante na folha de papel pode ser entendido como um recorte, sinal, ou índice de um mapeamento de todas essas relações e experiências que transformaram uma concentrada gota de pigmento em um diluído corpo que toma conta de todos os espaços nos quais a oficina acontece.



Figura 1 - Katia Helena Dias – CCS/UFPEL

Pensando especificamente na oficina que ocorreu no evento Arte {Entre Livros} para alunos do segundo ano do ensino médio (Figura 1), percebe-se o espaço transformado por estes acontecimentos, como uma grande potência de trocas e de possibilidades de experiência, que mesmo repetida várias vezes, o próprio processo é sempre singular. A gota cai na água diversas vezes e percorre uma possibilidade de caminho única a cada queda, assim como cada percepção, reação e pensamentos que percorrem as oficinas também são únicos.

A partir dessas oficinas e de seus registros, nota-se a necessidade da valoração e criação de espaços ou momentos nos quais a processualidade, intermediada pelas relações que ali podem acontecer e se estabelecer, seja o principal foco, ou, por vezes, mecanismo de criação e transformação dos sujeitos que habitam esse espaço.

De inspiração cartográfica, o objetivo desta pesquisa não é gerar ou observar um resultado final delimitado, pois ela acontece total e somente durante seu próprio processo, natureza dos resultados nela observados.

Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes. O objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos - na coleta, na análise, na discussão dos dados e também, (...) na escrita dos textos. (POZZANA;KASTRUP, 2009, p. 59)

O próprio título do texto, da qual nos servimos para a referência acima, já dá conta das motivações do uso da cartografia neste trabalho: *cartografar é acompanhar processos*. Desta forma, mais do que uma metodologia de pesquisa, a cartografia passa a ser uma postura diante da pesquisa e de um modo de pensar a educação e a educação na arte. Se por um lado um certo modelo tradicional de educação exige a instrumentalização da experiência, estas oficinas tem nos convidado a pensar menos em padronização e mais na experimentação do e com o imprevisível. Menos o produto final de um dispositivo de aprendizagem, passível de verificação, e mais uma atenção e valorização da processualidade.

Nas ocasiões das oficinas, observa-se que a educação é pensada como latência que existe em encontros que potencializam ou despotencializam os sujeitos (Deleuze, 2002) que se relacionam nesses lugares da experiência, imersos no processo, difundindo-se, como a própria cartografia. Cartografar estes traços líquidos nos permite observar a educação como esse mesmo espaço, que experimenta e produz seu próprio sentido, o lugar do saber da experiência:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.
(LARROSA, 2011, p.27)

4. CONCLUSÕES

A partir das ações percebemos a necessidade e a urgência de uma educação com foco principal no processo permeado pela possibilidade de experiências que atravessam o sujeito, desloca-o de seu lugar comum, trazendo consigo a percepção de outras possibilidades de pensamento e de modo de agir no mundo. Esta percepção do saber da experiência empodera a subjetividade do que é certo ou incerto, horizontalizando ou até anulando o papel convencional do educador.

Os espaços nos quais as ações acontecem se transformam a todo momento durante o processo. Concebemos esse espaço como um lugar de educação, pois permite a troca, possibilita a experiência e estimula o sujeito para que ele se exponha a essa experiência, mais do que a uma especialização do que lhe passa:

Mas talvez nos falte um saber para a experiência. Um saber que esteja atravessado também de paixão, de incerteza, de singularidade. Um saber que dê um lugar a sensibilidade, que esteja de alguma maneira incorporado a ela, que tenha corpo. Um saber, além do mais, atravessado de alteridade, alterado e alterável. Um saber que capte a vida, que estremeça a vida.
(LARROSA, 2009, p.26)

Desacelerar e aprofundar-se à processualidade da arte na educação leva a perceber a relevância de uma educação transversal, na qual a experiência é possibilidade teórica, crítica e prática proporcionada por ações artísticas, inerentes ao acaso, ao sensível e ao incerto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo, Editora Escuta. 2002
- FOUCAULT, Michel. **Vigar e punir**. Rio de Janeiro, Editora Vozes. 1999.
- GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. Territórios de Filosofia. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/05/euoutroetantosoutroseducacaoalteridadedefilosofiadadiferencasilviogallo/>> Acesso em: 22.jun.2015
- LARROSA, Jorge. Revista Brasileira de Educação. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. N°19, pg 20. 2002
- LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Experiencia y alteridade em educación**. Editora Homo sapiens Ediciones. Argentina, 2009.
- POZZANA, Laura de Barros; KASTRUP, Virgínia. Pista 3 - Cartografar é acompanhar processos. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Editora Sulina. 2009.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.25 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2013